

## ESQUERDA MODERNA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor*, 12.7.1989

O discurso de Mário Covas no Senado, na última semana, tem um sentido fundamental: significa que a esquerda moderna tem um candidato à presidência da República. Em seu discurso o candidato do PSDB mantém-se fiel aos compromissos de centro-esquerda com uma distribuição de renda mais justa e com uma democracia que se estenda a todos os setores da sociedade, mas, sem adotar um liberalismo tolo e um internacionalismo incompatível com o interesse nacional, rompe com duas ideologias que sempre identificaram a esquerda: o estatismo e o nacionalismo.

Na verdade o estatismo e o nacionalismo não são prerrogativas da esquerda; são antes as formas de que se reveste o populismo tanto de direita quanto de esquerda - populismo esse que, acima de tudo, se caracteriza pela promessa ou pela expectativa de bem estar sem custos, de desenvolvimento e estabilidade de preços sem sacrifícios.

O populismo de direita é antes de mais nada desenvolvimentista; usa do nacionalismo e do estatismo como instrumentos para alcançar o desenvolvimento, embora freqüentemente os governos populistas de direita adotem um discurso liberal extremado e acabem subordinando inteiramente os interesses nacionais aos estrangeiros.

Já o populismo de esquerda é desenvolvimentista e marcado por um distributivismo ingênuo. Em nome do desenvolvimento a esquerda tradicional adota o nacionalismo, e em nome do socialismo (ou da distribuição de renda), o estatismo. Em seu desenvolvimentismo, o populismo de esquerda se assemelha muito ao de direita: pretende alcançar o desenvolvimento de forma mágica, através do aumento da demanda. A diferença está no fato de que o populismo de esquerda pretende aumentar a demanda através do aumento dos salários (e assim, também lograr a distribuição de renda de forma direta e fácil), enquanto que o de direita pensa no aumento de demanda em termos de aumento de consumo e de investimentos.

A centro-esquerda tradicional brasileira, que o PMDB, o PT e o PDT representavam, estiveram sempre identificados com esse populismo de esquerda

estatista e nacionalista. Seu populismo era freqüentemente inconsciente. Muitas vezes seus representantes criticavam nos outros um populismo que não viam em si mesmos.

Nos últimos anos, entretanto, começou a surgir uma esquerda moderna, que sabe perfeitamente que uma política econômica progressista não se caracteriza pelo seu nacionalismo e pelo estatismo, mas pela prioridade à distribuição de renda e a convicção de que a intervenção do Estado na economia, embora deva ser limitada, é imprescindível para que se possa haver distribuição de renda mais justa e desenvolvimento.

Essa esquerda moderna, que o discurso de Mário Covas e o programa do PSDB recentemente aprovado espelham tão bem, identifica uma crise fiscal na raiz da crise econômica brasileira e propõe remédios amargos para superar essa crise. Mais do que isto, esta esquerda moderna tem bem presente para si que o modelo de Estado (protecionista, subsidiador e investidor direto) que presidiu o desenvolvimento brasileiro desde 1930 esgotou-se em 1980, necessitando com urgência de reformulação. E que, nessa reformulação, a privatização das empresas públicas e a liberalização comercial externa são fundamentais. Através desses instrumentos e de uma política fiscal visando a curto prazo o superávit público será possível sanear as finanças do Estado. Só então o próprio Estado, em conjunto com o empresariado privado, poderá conduzir o país a uma nova etapa de desenvolvimento.